

A Teia Queer: espaços de sociabilidade, subversividades e resistência no Centro Histórico do Recife

The Queer Web: spaces of sociability, subversiveness and resistance in the Historic Center of Recife

Yuri Nascimento Paes da Costa*

*Universidade de Brasília, Brasil, yuri_paes@yahoo.com.br

usjt

arq.urb

número 39 | abr - dez de 2024

Recebido: 10/06/2023

Aceito: 28/05/2024

DOI: [10.37916/arq.urb.vi39.664](https://doi.org/10.37916/arq.urb.vi39.664)



Palavras-chave:

Urbanismo queer.
Centro Histórico.
Recife.

Keywords:

Queer urbanism.
Historic Center.
Recife.

Resumo

O objetivo do presente artigo é analisar espaços de sociabilidade, subversão e resistência para a comunidade queer nos bairros que constituem o Centro Histórico do Recife (CHR), a saber: bairros do Recife, Santo Antônio, São José e Boa Vista. Para tanto, a pesquisa utilizou metodologia de caráter descritivo proposta por Serra (2006), através da qual foi possível realizar levantamento bibliográfico, pesquisa de campo de observação e experimentação, e produção de mapas que ilustram espaços ocupados pela comunidade queer no Centro Histórico do Recife. Combinando aspectos espaciais a teóricos, utilizou-se os trabalhos de Reynaldo (2013) e Menezes (2015) para caracterizar o território, e as teorias de Foucault (2013), Butler (1990), Preciado (2008, 2013) e Catterall e Azzouz (2021) para construção de entendimento de espaços queers, sociabilidade e subversão. O que se espera é que o presente trabalho possa contribuir para trazer as questões de gênero e de diversidade sexual para os recentes debates sobre requalificação do Centro Histórico do Recife.

Abstract

The objective of this paper is to analyze spaces of sociability, subversion and resistance for the queer community in the neighborhoods that constitute the Historic Center of Recife (HCR), such as: neighborhoods of Recife, Santo Antônio, São José and Boa Vista. To this end, the research used a descriptive methodology proposed by Serra (2006), through which it was possible to carry out a bibliographical survey, field research of observation and experimentation, and production of maps that illustrate spaces occupied by the queer community in the Historic Center of Recife. Combining spatial and theoretical aspects, the works of Reynaldo (2013) and Menezes (2015) were used to characterize the territory, and the theories of Foucault (2013), Butler (1990), Preciado (2008, 2013) and Catterall and Azzouz (2021) to build understanding of queer spaces, sociability and subversion. What is expected is that the present work can contribute to bringing gender and sexual diversity issues to the recent debates on the requalification of the Historic Center of Recife.

Introdução

De acordo com o panorama do IBGE em 2020, Recife é a 9ª cidade mais populosa do país e a 14ª em Produto Interno Bruto (PIB). Apesar destes dados, 53% da população da cidade vive em condições de precariedade, em assentamentos de baixa renda, evidenciando que a capital do estado de Pernambuco é uma das mais desiguais para se viver no país. Essa lógica perversa de desigualdade reverbera em diversas camadas da cidade. O Anuário Brasileiro de Segurança Pública (2021), apontou que Recife é a 7ª capital mais violenta do país, já em relação às violências praticadas contra população LGBTQIA+, desde 2020, a cidade é a capital mais insegura para pessoas LGBTQIA+ (PERNAMBUCO, 2020).

Apesar deste cenário de desigualdades, poucas pesquisas em arquitetura e urbanismo se debruçam sobre a percepção e produção dos espaços da cidade do Recife a partir de um ponto de vista das questões de gênero e diversidade. A dificuldade em ter acesso às informações oficiais, aliada a um cenário de esvaziamento de políticas públicas direcionadas à esta população parecem ter restringido debates¹.

É na busca de novas contribuições para as questões de arquitetura e urbanismo que situaremos esta pesquisa. O seu objetivo, portanto, é analisar espaços de sociabilidade, subversão e resistência para a comunidade *queer* nos bairros que constituem o Centro Histórico do Recife (CHR), a saber: bairros do Recife, Santo Antônio, São José e Boa Vista.

O presente trabalho utiliza ainda a metodologia qualitativa de caráter descritivo, segundo orientações de Serra (2006), este tipo de pesquisa permite conhecer e descrever um objeto de estudo de forma mais aprofundada. Para tanto, obedeceremos às seguintes etapas de pesquisa: a) levantamento bibliográfico e leituras sobre os temas, b) pesquisa de campo para observação e experimentação dos espaços ocupados pela comunidade *queer* no CHR, c) mapeamento e classificação dos espaços identificados como ponto de encontro, sociabilidade e de práticas de desobediência sexual da comunidade *queer*.

Combinaremos as análises espaciais a aspectos teóricos. Reynaldo (2013) e Menezes (2015) auxiliarão a caracterização da área de estudo. Também utilizaremos ideias relacionadas a espaços *queer* de Foucault (2013), Butler (1990), Preciado (2008, 2013), além do relatório *Queering Public Space* (CATTERALL; AZZOUZ, 2021).

O que se espera é que o presente trabalho possa contribuir para trazer as questões de gênero e de diversidade sexual para os recentes debates sobre requalificação do CHR, que parecem estar ocupados mais a atender novas expectativas do mercado financeiro e imobiliário do que com a produção de uma cidade mais inclusiva e segura para diferentes públicos.

Caracterização do local de pesquisa: o Centro Histórico do Recife esvaziado

O processo de esvaziamento dos bairros que compõe o CHR começa a se acentuar a partir das posturas higienistas adotadas pela municipalidade a partir de 1850. Por ser uma região portuária e principal ponto de escoamento de mercadorias do nordeste, a cidade do Recife ficou exposta a diversas doenças advindas de toda parte do Brasil e do mundo, neste momento já vigorava em outras cidades ideias de aberturas de grandes vias, eliminação de sobrados e cortiços para circulação do ar e iluminação natural.

É na ascensão do movimento sanitário e de reformas urbanas que, em contrapartida, debates acerca do patrimônio e paisagem da cidade tomam conta das políticas urbanas, sobretudo após a demolição de uma parte significativa dos bairros de São José e Santo Antônio para abertura da Avenida Dantas Barreto e para criação de novos espaços para produção do capital imobiliário na cidade (REYNALDO, 2016). De acordo com Menezes (2015), é apenas na década de 1970 que são abandonadas políticas de grande intervenção na área do CHR e podemos assistir uma mudança de postura: se antes as políticas tinham um caráter intervencionista, a partir deste momento, passam a ter um caráter preservacionista.

¹ No período compreendido entre 2018 e 2023, foram localizados apenas 18 trabalhos acadêmicos que relacionam a temática LGBTQIA+ e *Queer* à cidade do Recife, destes, 03 artigos acadêmicos e

02 trabalhos de conclusão de curso são relacionados ao público LGBTQIA+ e temas pertencentes à arquitetura e urbanismo.

Apesar da mudança de paradigma, que permitiu a preservação da parte que não foi demolida nos planos de melhoramentos e de aberturas de vias, ainda assim, foi insuficiente para assegurar uso habitacional na região, uma vez que a grande maioria das edificações extirpadas eram destinadas à habitação de população de baixa renda e de classe média (operários, trabalhadores informais, artesãos e artistas). A partir daí, com o esvaziamento populacional e com a falta de investimentos, sobretudo do Banco Nacional de Habitação que já entrava em colapso no final da década de 1970, o Centro Histórico do Recife entra em um processo de abandono e de decadência.

A partir da década de 1980, assim como outras grandes cidades brasileiras após os anos de ditadura, Recife observa um acentuamento de crise econômica, seguida por um aumento expressivo da sua população e declínio das condições de habitabilidade. É neste período que se inicia um grande adensamento da população de baixa renda em áreas carentes de infraestrutura e planejamento urbano. Atualmente, a situação não é muito distinta, de acordo com o último censo (2010), 53% da população do Recife habita áreas de baixa renda (Zonas Especiais de Interesse Social e Comunidades de Interesse Social), que representam apenas 30% do território da cidade.

Apesar do aumento populacional e do déficit habitacional, os imóveis do CHR seguem em acelerado processo de abandono. O estudo “Moradia no Centro” (2018) realizado pela Habitat Brasil e Coletivo CAUS em apenas um dos bairros do Centro Histórico (Santo Antônio), aponta para esta incongruência. O estudo revelou que cerca de 115 imóveis com mais de cinco pavimentos se encontram atualmente em estado de abandono. Já um levantamento realizado pela organização Marco Zero Conteúdo (2018), aponta para dívidas de cerca de R\$ 346 milhões de IPTU em imóveis do CHR, revelando tanto o descaso do poder municipal em fiscalizar o cumprimento da função social destes imóveis, quanto desinteresse dos proprietários em destiná-los a um uso benéfico para a cidade.

Embora o abandono possa levar acreditar em um cenário de ausências, na verdade,

os estudos da Habitat Brasil (2018) e do Marco Zero Conteúdo (2018) revelam que muitos imóveis pertencem a um número pequeno de proprietários. Esse movimento, já conhecido de especulação imobiliária, ainda tem encontrado apoio em tentativas de aprovação de novos empreendimentos imobiliários no CHR², demonstrando que as posturas de higienismo, segregação espacial e expulsão de moradores e comerciantes do CHR ainda tensionam a área.

É sobre este território complexo que, de um lado possui um grande registro do passado da cidade e do Brasil, com paisagem e edificações que vão desde o barroco, passando pelo ecletismo, modernismo até contemporaneidade, palco ainda de diversas transformações e dinâmicas urbanas, e que, de outro lado, encontra-se em processo de decadência, descaracterização e abandono acelerados que situaremos a pesquisa. O intuito é observar o CHR por uma outra lente que parece ter sido não suficiente explorada nas últimas décadas: o ponto de vista dos estudos *queer*.

A população LGBTQIA+ do Recife entre apagamentos e violências

Antes de prosseguir, é preciso ressaltar que determinar estaticamente o número de pessoas LGBTQIA+ nas cidades brasileiras é uma tarefa que ainda está em construção. No início de 2022 o Centro de Atendimento à Vítima (CAV) do Ministério Público do Acre acionou a Justiça Federal para que o Instituto de Geografia e Estatística (IBGE) desenvolva e utilize metodologia para incluir os campos de “orientação sexual” e “identidade de gênero” no censo de 2022. Apesar do acolhimento a princípio do pedido do Ministério Público do Acre, em 27 de junho de 2022 o Tribunal Regional Federal da 1ª Região, suspendeu a decisão liminar da Justiça Federal do Acre e desobrigou o IBGE a incluir o recorte LGBTQIA+ no censo de 2022.

O pedido realizado pelo Ministério Público do Acre, além de dados parciais do estado, também tinha como lastro os últimos dossiês da Associação Nacional de Travestis e Transexuais (BENEVIDES, 2023) que aponta o Brasil como país onde mais ocorreu relatos de violência contra a população LGBTQIA+. O atual dossiê (BENEVIDES, 2023) relata que o país segue no topo da violência contra esta população

² Nos últimos anos o Centro Histórico do Recife, assistiu embates com a aprovação de projetos como Novo Recife, que deu origem ao movimento Ocupe Estelita e mais recentemente com aprovação de

novos empreendimentos imobiliários voltados ao mercado de luxo em áreas do centro histórico (Novotel Recife do grupo Accor, Hotel Motto da rede Hilton e novo Centro de Convenções).

pelo décimo quarto ano consecutivo.

Estas estatísticas podem ser alvo de algumas reflexões. A primeira delas é sobre o apagamento da população LGBTQIA+ e a manutenção do fosso que impede pessoas LGBTQIA+ de acessarem seus direitos. Essa escolha intencional em eliminar campos como orientação sexual e identidade de gênero do censo, além de impedir o conhecimento e análise de um importante recorte populacional, também permite especular que os desdobramentos do censo do IBGE para formação de políticas públicas nacionais não irão refletir as necessidades de fato da população. Sem um censo adequado à população LGBTQIA+ não se pode esperar efetividade de políticas públicas pelo fato de não haver um perfil social, geográfico, econômico e cultural desta população.

Apesar da exclusão censitária algumas entidades, associações e organizações não governamentais tentam estabelecer o perfil da população LGBTQIA+ no Brasil. De acordo com estudo realizado em 2019 pela Associação Brasileira de Gays, Lésbicas, Bissexuais, Travestis e Transexuais (ABGLT) estima-se que a população de LGBTQIA+ no país seja o equivalente a 10% do total da população, ou seja, cerca de 20 milhões de brasileiros. Outro realizado pela Startup TODXS Brasil (2018) destaca que destes 20 milhões, pelo menos 52% assumem publicamente sua identidade de gênero e orientação sexual, ainda que o país seja o mais violento para população LGBTQIA+.

Estudos e dossiês como da ANTRA, da ABGLT, TODXS Brasil, tem sido, na maioria das vezes, a única ferramenta encontrada para direcionar algumas ações para a população LGBTQIA+. Contudo, apesar dos esforços, em todos os relatórios sempre há indicação de que os números são subestimados, mais notadamente aqueles relativos à violência e morte da população LGBTQIA+.

Foi pensando nesta subnotificação que em 2017, a vereadora da cidade do Recife, Aline Mariano, apresentou um projeto de lei para que a secretaria de defesa fosse obrigada a divulgar semestralmente índices de violência contra a população LGBTQIA+ na cidade. Apesar do caráter importante e urgente do projeto de lei, o mesmo só foi votado e aprovado em julho de 2020. A partir do estabelecimento da obrigatoriedade da divulgação dos dados relativos aos crimes contra população

LGBTQIA+, Recife que antes não aparecia entre as cidades mais violentas do país para população LGBTQIA+ passa a aparecer em primeiro lugar, os números puxam inclusive a posição do estado de Pernambuco, que passa da oitava posição à primeira posição.

No esteio destes números em 2022, a Assembleia dos Deputados Estaduais de Pernambuco também aprova a lei 17.668 e passa a determinar que dados e estatísticas sejam apresentados em âmbito estadual e, para além do recorte populacional LGBTQIA+, também passe a incluir pessoas pretas e pardas.

Apesar dos aparentes avanços à proteção dos direitos da população LGBTQIA+ no estado de Pernambuco e na cidade do Recife, tanto o estado como a sua capital ainda aparecem no topo dos crimes e violência contra esta população. Tal situação pode perdurar por um longo tempo, uma vez que o atual governo esvaziou a Coordenadoria Estadual de Política LGBT, deixando de fornecer aparato financeiro e técnico para expandir políticas estaduais para população LGBTQIA+. Outro fator que levará a permanência do Recife e do estado de Pernambuco no topo das violências é a falta de adesão de outras capitais e estados para adoção da obrigatoriedade de divulgação dos dados relativos à violência contra população LGBTQIA+, pois de acordo com a ANTRA (2023) a subnotificação ainda é o maior óbice ao estabelecimento do verdadeiro quadro das violências contra as pessoas LGBTQIA+ no nosso país.

Espaços *queer*: práticas de sociabilidade e subversão como elementos de resistência e de pertencimento

O debate sobre questões de gênero e espaços públicos não é uma discussão recente na história da arquitetura e urbanismo, no entanto, é a partir da década de 1990 que se percebe o rompimento entre a bolha binária dos gêneros e questões relacionadas à arquitetura e urbanismo. Se antes o debate cingia-se às diferenças entre a contribuição dos homens e das mulheres no campo da arquitetura e urbanismo, a partir das ideias de Butler (1990), De Lauretis (1989) e mais recentemente Preciado (2008, 2013), conceitos como heterotopia, performatividade de gênero e práticas de desobediência sexual passam a propor novas camadas entre o gênero, arquitetura e urbanismo. Estas novas abordagens sobre o gênero e sua ramificação

em outras áreas do saber, conhecidas como estudos *queer*, são responsáveis por propiciar ao debate acadêmico pontos de ruptura à construção cisheteronormativa de conhecimento e saber científico, mas também à produção de espaços e cidades.

No entanto, devido à complexidade destes estudos, estabelecer o que são espaços *queer* nas cidades não é um conceito fechado e está em constante construção, até mesmo porque um espaço *queer* pode compreender tanto um ambiente físico, como um ambiente social ou cultural. Por mais que seja importante estabelecer suas localizações para a sociabilidade, resistência e sobrevivência da comunidade LGBTQIA+, é importante ter em mente que os espaços *queer* terão sempre como premissa o desacato às normas tradicionais de gênero e sexualidade.

O que se pode propor também, para auxiliar no processo de formação deste tema, é uma caminhada entre os principais debates que surgiram na teoria *queer* acerca dos espaços e das cidades e, em cada um destes momentos absorver conteúdos que irão somar à cadeia de complexidades que forma o entendimento de um espaço *queer*.

A primeira parada sugerida nesta caminhada é a contribuição dada por Michel Foucault (2013) sobre espaços heterotópicos. De acordo com o filósofo, os espaços heterotópicos são "espaços reais, espécies de lugares absolutamente outros" (FOUCAULT, 2013). Para o autor, esses espaços são diferentes dos espaços utópicos, pois não são construídos apenas na imaginação, mas têm uma existência física tangível.

Foucault (2013) esclarece ainda que os espaços heterotópicos possuem uma função ambígua e desafiadora, pois não se encaixam perfeitamente nas normas e estruturas sociais estabelecidas. É nestes locais de exceção tangível que as regras habituais são suspensas ou subvertidas. Nestes momentos, um corpo pode experimentar uma ruptura social e se permitir à novas possibilidades de experimentação e transformação, esses (re)arranjos são abordados pelo conceito de performatividade de Butler (1990).

Para Butler (1990), o gênero não é uma característica inata, mas sim uma construção social e discursiva que se manifesta por meio de performances corporais. Nos espaços públicos, os indivíduos são constantemente convidados a realizar e reiterar

essas performances de gênero, seguindo as expectativas e normas forjadas pelas instituições da sociedade cisheteronormativa.

Em "Problemas de Gênero: feminismo e subversão de identidade", Butler (1990) ao analisar a performatividade de gênero nos espaços públicos, compreende que essas performances são socialmente reguladas e normatizadas, moldando as interações e as relações de poder. Para a autora, os espaços públicos funcionam como arenas onde ocorrem a vigilância e a disciplina dos corpos em relação ao gênero. Neles, as normas de gênero são reforçadas, recompensadas ou punidas, dependendo do grau de conformidade com os padrões sociais estabelecidos, momentos de dissidência, rebeldia e subversão são elementos que, para Butler, auxiliam na desconstrução deste ambiente de coerção e constrangimento que limitam as possibilidades de expressão de gênero e no desmantelo das estruturas que sustentam as desigualdades de gênero em nossa sociedade.

A ruptura, rebeldia e dissidência também são elementos abordados por Paul Preciado em suas obras "Testo *Junkie*: Sexo, Drogas e Biopolítica" (2008) e "Contra o Fascismo *Queer*" (2013), nas quais o filósofo discute os espaços *queer* como locais de desobediência sexual e resistência às normas heteronormativas. Para Preciado (2013), os espaços *queer* são espaços de liberdade sexual e de reconstrução dos corpos e identidades. Esses espaços podem permitir que os indivíduos desafiem as restrições normativas impostas à sexualidade e explorem práticas sexuais não convencionais, o autor argumenta ainda, que essas práticas de desobediência sexual são uma forma de resistência política, pois questionam as normas impostas pelo poder, abrindo caminho para a construção de uma sexualidade livre e autônoma (PRECIADO, 2008).

No debate mais atual sobre a construção de sexualidades livres e de cidades menos coercitivas, a obra *Queering Public Space* (CATTERALL; AZZOUZ, 2021) apresenta uma importante contribuição ao debate em construção. Os autores pontuam que os espaços públicos não são neutros, mas sim elaborados de acordo com pensamento masculino, branco e heterossexual e projetados para públicos específicos. *Queering Public Space* (CATTERALL; AZZOUZ, 2021) também evidencia que a promoção de espaços mais seguros para comunidade LGBTQIA+ pode representar

um ganho para perspectiva de espaços e cidades mais inclusivas e diversas. Foi com este pensamento em mente que procuramos compreender como a existência de espaços *queers* no CHR pode auxiliar o fortalecimento da comunidade LGBTQIA+, ainda que este território se encontre em acelerado processo de decadência e abandono devido ao esvaziamento habitacional e desinvestimento de políticas públicas e palco atual para especulação imobiliária.

Neste processo de compreensão dos espaços *queers* do CHR, a primeira etapa foi identificar os estabelecimentos e equipamentos dedicados à população LGBTQIA+. Clubes, bares, pubs, cinemas pornô, saunas, ONGs, clínicas de saúde LGBTQIA+, foram alguns dos elementos identificados. Entretanto, o mapeamento ofereceu uma concentração de tímida de espaços dedicados à população LGBTQIA+ no CHR, o número maior de estabelecimentos concentrava-se no bairro da Boa Vista, o mais jovem entre os bairros que formam o Centro Histórico da cidade.

Com este mapeamento tímido, entram em cena duas atitudes perante a pesquisa: a observação e a experimentação. A primeira diz respeito ao usuário e habitante do centro do Recife, através da qual foi possível identificar em conversas, em relatos de terceiros, a existência de outros espaços ocupados por corpos *queer* que ora chegava aos ouvidos com um tom acusatório e ora com um quê de fenômeno mítico, uma fábula urbana. Observar o que pessoas cis e heteronormativas apontavam sobre estes espaços foi importante para perceber que a sociedade tem conhecimento dos espaços *queer* e que ou escolhem ignorar ou escolhem coibir.

A segunda atitude, a experimentação, partiu do pesquisador enquanto pessoa *queer*, que se orgulha de ser um dissidente sexual em contraponto ao que se espera socialmente, sobretudo de uma figura masculina. Dessa forma, foi possível ir a campo, desmistificar os discursos coercitivos e acusatórios a respeito de práticas subversivas como o *cruising*, a “pegação” e o “banheirão” e perceber a amplitude de espaços *queer* no CHR. A essa nova camada do mapa, denominou-se de off the grid ou fora da rede, por serem espaços de encontros temporários, contato sexual impulsivo, flerte e códigos em espaços públicos, são os momentos de subversão e desobediência sexual identificados por Preciado (2008, 2013) e necessários para exploração da diversidade sexual e resistência da própria comunidade LGBTQIA+.

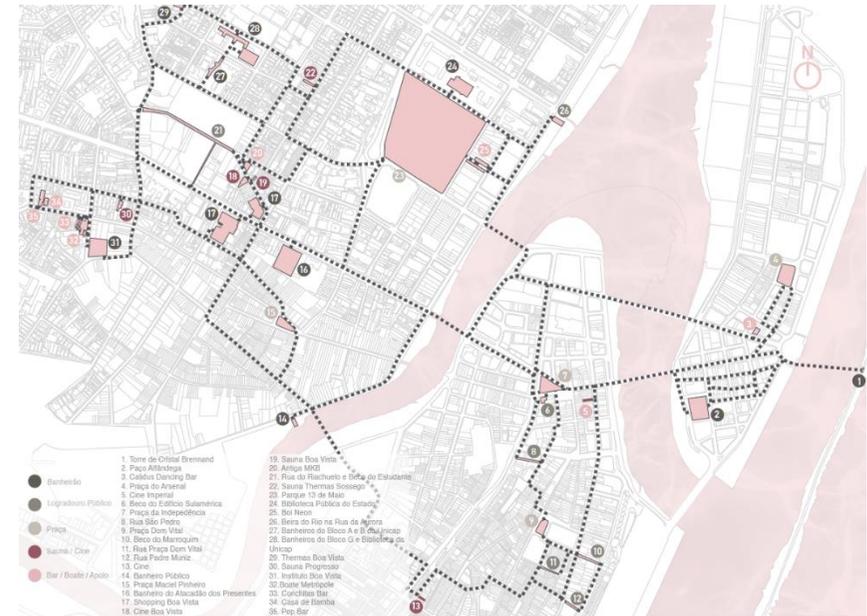


Figura 1. A teia *queer* do Centro Histórico do Recife. Mapeamento dos espaços *queers* do Centro Histórico do Recife. Fonte: O autor (2023).

Neste momento, é possível constatar que como um comportamento rizomático (DELEUZE; GUATARRI, 1996), os espaços *queer* se alastram por toda extensão do CHR, ora de forma mais forte, com uma teia mais enredada, ora de forma mais esporádica com uma teia mais esparsa. Essa perspectiva rizomática implicou para a pesquisa uma mudança de percepção: se antes havia um encarar do território *queer* do centro do Recife com um corpo único (institucionalizado, com estabelecimentos comerciais com CNPJ ativo e dentro dos padrões esperados pela sociedade), passa-se a encarar essa existência *queer* de forma múltipla e observável sobretudo a partir de um devir, muito além das pranchetas de desenho urbano.

Importante salientar que o movimento de aproximação e afastamento das conexões do mapa (da teia *queer*) foi analisado juntamente a um outro mapa que identificou, através de pontos de calor, os locais onde foram registrados os crimes e violências contra a população LGBTQIA+ no Recife.

O que foi possível perceber é que, no momento em que esta teia é mais enredada e diversificada, ou seja, onde há existência de espaços e equipamentos oficiais dedicados à população LGBTQIA+ juntamente com espaços de *cruising*, “pegação” e “banheirão”, são os espaços mais seguros e de mais sociabilidade *queer* dentro do CHR, já os espaços onde a teia é mais esparsa, onde não há diversidade de equipamentos, espaços e práticas *queer*, são os locais onde foram identificados maior índice de violências contra a população LGBTQIA+.

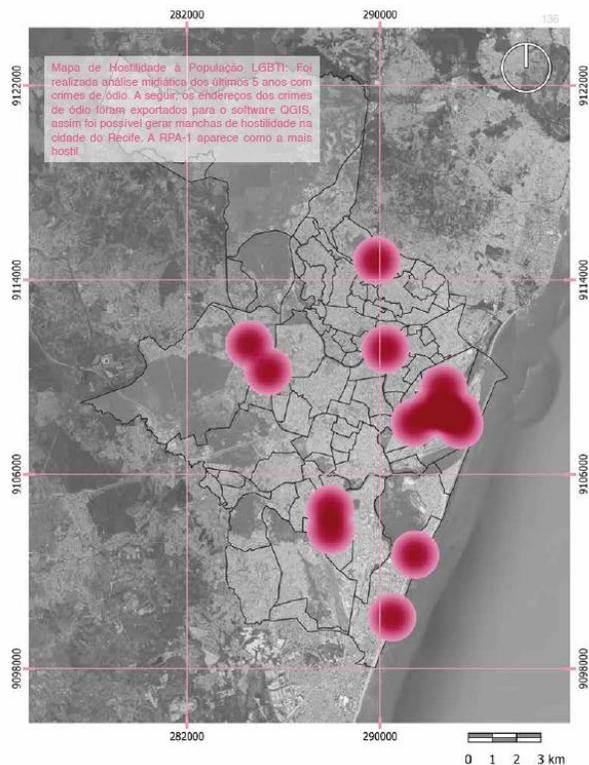


Figura 2. Mapa de calor das violências contra a população LGBTQIA+ na cidade do Recife. Mapeamento elaborado a partir de notícias dos últimos 5 anos com suporte do *software* QGIS. As áreas mais seguras são aquelas onde há existência de espaços e equipamentos oficiais dedicados à população LGBTQIA+ juntamente com espaços de *cruising*, “pegação” e “banheirão”. Fonte: O autor (2023).

A partir do devir no Centro Histórico do Recife e do mapeamento dos espaços *queer* ainda surgem algumas questões: O que faz com que determinadas áreas do CHR não sejam seguras? A teia é mais esparsa porque a área não é segura ou a área não é segura porque a teia é mais esparsa? Para responder às questões pode-se observar as contribuições de Josep Montaner e Zaida Muxi (2021) para o debate sobre a construção de cidades mais inclusivas, seguras e diversas.

Para os autores, o urbanismo é desenvolvido “essencialmente a partir de uma visão patriarcal, capitalista e piramidal, que deu total prioridade às atividades produtivas, atribuídas aos homens e pelo gênero masculino” (MONTANER; MUXI, 2021), em razão dessa esfera produtiva capitalista e essencialmente masculina, outras esferas da cidade passam a ser invisibilizadas. Logo, esferas como vida comunitária, atividades sociais inclusivas e diversas passam a deixar de ser o centro das cidades, dando a vez à lugares hostis e de repercussão de violências às minorias sexuais. Portanto, o fenômeno observável e tangível das tensões entre segurança, pertencimento e estranhamento e violência no CHR perpassam, antes de tudo, as questões de gênero.

As violências e momentos de falta de conexão da teia *queer*, portanto, estão muito mais conectadas à manutenção do modelo de cidade baseado no capital e reprodução de habitação como produto do que qualquer outra coisa. De acordo com Montaner e Muxi (2021) esse modelo essencialmente masculino é responsável pelo enfraquecimento de pautas urbanas plurais, coletivas e diversas em detrimento à legitimação de propriedade privada e financeirização das cidades. A teia se apresenta, portanto, como uma estratégia de resistência de um grupo social não hegemônico por toda extensão do CHR.

Considerações finais

Neste trabalho, debatemos como os estudos *queer* podem fazer interface com o território do Centro Histórico do Recife. Para tanto, buscou-se caracterizar as dinâmicas e tensões mais recentes que compõem o substrato urbano e social dos bairros do Recife, Santo Antônio, São José e Boa Vista. Assim, questões como especulação imobiliária, déficit habitacional, segregação espacial e decadência e abandono de centros históricos constituem a parte inicial deste trabalho.

Em seguida, a intenção foi apresentar a população LGBTQIA+ que compõe a cidade do Recife, ainda que diante de dificuldades censitárias e de estatísticas atualizadas. Ao evidenciar as tentativas de apagamento desta população, foi possível perceber o grau de resistência e de potência que reside dentro da comunidade *queer* recifense, que sobrevive apesar do cenário de hostilidade.

Também apresentamos breves questões teóricas a respeito dos espaços *queer*, observando as contribuições de Foucault (2003), Butler (1990), Preciado (2008, 2013) e Catterall e Azzouz (2021), que auxiliaram a construção do argumento de que os espaços *queer* são necessários para a sobrevivência e desenvolvimento da comunidade LGBTQIA+ sobretudo ante elementos de sociabilidade, resistência e subversão. Neste sentido, o mapeamento dos espaços *queer* no Centro Histórico do Recife, realizado a partir da observação e da experimentação, foi necessário para aproximar a teoria dos estudos do espaço *queer* com as vivências da comunidade LGBTQIA+ do Recife.

A teia *queer* revela que o modo de pensar e desenvolver a cidade do Recife deve assumir novos pontos de partida, muito além das encontradas hoje em dia, centradas numa visão masculina, branca e neoliberal. Para isso, a adoção de novos protagonistas do espaço urbano (não só LGBTQIA+, mas mulheres, crianças, idosos, imigrantes e demais grupos não hegemônicos) pode auxiliar na função de cidades mais plurais e diversas.

Referências

ABGLT. **Manual de comunicação LGBT**. São Paulo: ABGLT, 2019. Disponível em: <https://www.abgl.org/projetos>. Acesso em: 20 fev. 2023.

BENEVIDES, Bruna G. **Dossiê: assassinatos e violências contra travestis e transexuais brasileiras em 2021**. Brasília: Distrito Drag; ANTRA, 2022.

BENEVIDES, Bruna G. **Dossiê: assassinatos e violências contra travestis e transexuais brasileiras em 2022**. Brasília: Distrito Drag; ANTRA, 2023.

BRASIL. Tribunal Regional Federal (1ª Região). Decisão judicial. Processo nº 1002268-94.2022.4.01.3000. Desembargador: José Amílcar Machado. Rio Branco, 27 de junho de 2022. **TRF 1ª Região**, 27 jun. 2022. Disponível em:

<https://processual.trf1.jus.br/consultaProcessual/>. Acesso em: 20 mar. 2023.

BUTLER, Judith. **Gender trouble: feminism and the subversion of identity**. Nova York: Routledge, 1990.

CATTERALL, Pippa; AZZOUZ, Ammar. **Queering public space: exploring the relationship between queer communities and public spaces**. Relatório de projeto. Westminster: Universidade de Westminster, 2021.

DE LAURETIS, Teresa. **Technologies of gender: essays on theory, film and fiction**. Bloomington: Indiana University Press, 1989.

DELEUZE, Gilles; GUATARRI, Félix. **Mil Platôs**. v.1, 2. ed. São Paulo: Editora34, 1996.

FBSP. **Anuário brasileiro de segurança pública**. São Paulo: FBSP, 2021. Disponível em: <https://forumseguranca.org.br/anuario-brasileiro-seguranca-publica/>. Acesso em: 15 abr. 2023.

FOUCAULT, Michel. **O corpo utópico, as heterotopias**. Posfácio de Daniel Defert. São Paulo: Edições n-1, 2013.

IBGE. **Panorama do Recife**. Rio de Janeiro: IBGE, 2020. Disponível em: <https://cidades.ibge.gov.br/brasil/pe/recife/panorama>. Acesso em: 20 mar. 2023.

MENEZES, Larissa Rodrigues de. **Habitar no centro histórico: a habitação de interesse social como instrumento de reabilitação do centro histórico do Recife**. 2015. Dissertação (Mestrado em Desenvolvimento Urbano) – Programa de Pós-Graduação em Desenvolvimento Urbano – Universidade Federal de Pernambuco, Recife, 2015.

MENEZES, Larissa Rodrigues de. Um século de exclusão do uso habitacional no centro histórico do Recife. *In*: ENCONTRO NACIONAL DA ASSOCIAÇÃO NACIONAL DE PÓS-GRADUAÇÃO E PESQUISA EM PLANEJAMENTO URBANO E REGIONAL, 16., 2015, Belo Horizonte. **Anais [...]**. Belo Horizonte: ANPUR, 2015.

MONTANER, Josep Maria; MUXÍ, Zaida. **Política e arquitetura: por um urbanismo comum e ecofeminista**. São Paulo: Editora Olhares, 2021.

MORADIA no centro: da reflexão à ação. Levantamento de imóveis vazios e ociosos no bairro de Santo Antônio. Recife: Habitat Brasil, 2018. Disponível em: <https://habitatbrasil.org.br/moradia-no-centro/>. Acesso em: 20 abr. 2023.

PERNAMBUCO. **Lei nº 17.668, de 10 de janeiro de 2022**. Altera a Lei nº 12.876, de 15 de setembro de 2005, que dispõe sobre a elaboração de estatística sobre a violência contra a população LGBTQIA+ na forma que menciona, originada de Projeto de Lei de autoria do Deputado Isaltino Nascimento, a fim de ampliar seu alcance e incluir dados sobre pessoas pretas e pardas. Recife: Alepe Legis, 2022.

PINTO, Luiz Carlos. Dívidas de R\$ 346 milhões de IPTU expõem abandono e coibiça no Centro do Recife. **Marco Zero**. Recife: Marco Zero, 2018. Disponível em <https://marcozero.org/dividas-de-r-346-milhoes-de-iptu-expoem-abandono-e-co-bica-no-centro-do-recife/> Acesso em: 01 mar.2023.

PONTUAL, Virgínia. Tempos do Recife: representações culturais e configurações urbanas. **Revista Brasileira de História**, São Paulo, Volume: 21, Número: 42, 2001.

PRECIADO, Paul. **Contra o Fascismo Queer**. São Paulo: n-1 edições, 2013.

PRECIADO, Paul. **Testo junkie: sexo, drogas e biopolítica**. São Paulo: n-1 edições, 2008.

REYNALDO, Amélia. **As catedrais continuam brancas: planos e projetos do século XX para o centro do Recife**. Recife: Cepe, 2017.

REYNALDO, Amélia; REYNALDO, Paulo Maia Alves. Origem da expansão do Recife: divisão do solo e configuração da trama urbana. *In*: SEMINARIO INTERNACIONAL DE INVESTIGACIÓN EN URBANISMO, 5., 2013, Barcelona - Buenos Aires. **Anais [...]**. Barcelona: Universitat Politècnica de Catalunya, 2013.

SERRA, Geraldo Gomes. **Pesquisa em arquitetura e urbanismo: guia prático para o trabalho de pesquisadores em pós-graduação**. São Paulo: Edusp/Mandarim, 2006.

TODXS. Pesquisa nacional por amostra da população lgbtqi+: identidade e perfil demográfico. **TODXS**, 2018. Disponível em: <https://www.todxs.org/>. Acesso em: 23 dez. 2023.